

BASÍLIO DE MAGALHÃES

Ao restaurar a publicação de sua secção intitulada *VULTOS DA GEOGRAFIA*, que esteve ultimamente suspensa, a Revista Brasileira de Geografia, interpretada por indeclinável convite do professor ORLANDO VALVERDE, diretor da Divisão Cultural, lembrou-se do colaborador doutor, que traçara mais de meia centena de perfis para a galeria constituída por individualidades nacionais e estrangeiras, ou mais precisamente 67, entre o total de 123.

Recordavam a vida e obras de geógrafos, cujas contribuições para o melhor conhecimento do Brasil lhes realçaram a luminosa nomeada.

E, para mais lhe reforçar o apêlo, apontou o nome de BASÍLIO DE MAGALHÃES para o reinício da série, que se interrompera.

Já não será, destarte, a simples amizade, decorrente de constante admiração, que justificará a escolha, previamente decidida pela redação do órgão oficial do Conselho Nacional de Geografia. Aliás, títulos sobejos conquistou o polígrafo mineiro, que aplicou a sua peregrina inteligência aos mais variados assuntos relativos à terra brasileira e ao homem que a fecunda com o seu esforço.

Apesar de dispersivo em suas atividades, que o impeliram ao jornalismo, à advocacia, ao magistério, ao congresso e cargos de administração, conseguiu elaborar monografias, que lhe atestam a incomparável cultura e sagacidade pesquisadora.

Nascido em São João d'El-Rei (Minas Gerais) a 7 de junho de 1874, e batizado uma semana depois, a 14, tomou o sobrenome do padrinho, o fazendeiro lusitano LADISLAU ARTUR DE MAGALHÃES, em vez do paterno, ANTÔNIO INÁCIO RAPOSO.

Premiado com medalha de ouro na escola primária, seguiu, apenas ultimado o curso propedêutico, para São Paulo, com destino à Faculdade de Direito.

Empolgou-lhe, porém, a curiosidade insaciável a imprensa, que o levara, no próprio torrão natal, a servir de tipógrafo e auxiliar de redação em A Gazeta Mineira (órgão monarquista) e, depois de abril de 1889, quando foi fundada, A Pátria Mineira (órgão republicano).

Por iniciativa própria, organizou, contemporaneamente, de parceria com ALTIVO SETTE, a Locomotiva, cujo título mais se lhe afeiçoava às tendências progressistas.

A Paulicéia, a partir de 1892, proporcionou-lhe motivos atraentes para as suas investigações multifárias. Não frequentou o curso jurídico, mas obteve permissão do Tribunal de Justiça, mediante exame, para advogar no fóro de Campinas, que o atraíu em fase propícia às suas aspirações.

Para a cidade convergiam então personalidades empenhadas em cooperar para o seu renome intelectual, como RAUL SOARES, ALBERTO DE FARIA, COELHO NETO e outras que exibiram a sua competência em provas públicas, de que lhes derivaram as respectivas nomeações.

BASÍLIO DE MAGALHÃES, professor, que já havia, em São Paulo, estreado na literatura didática, por meio de Lições de História do Brasil (1895), também se inscreveu em curso no Ginásio de Campinas, onde lhe caberia lecionar mais de uma disciplina.

Ao mesmo tempo, colaborava nos diários de São Paulo e da terra de CARLOS GOMES, onde fundou o Correio de Campinas (1909-1911), a "primeira fôlha volante do interior que teve duas edições diárias", (uma pela manhã e a outra vespertina).

Atiçava-se que a dispersão de esforços não lhe consentiria empreender nenhuma investigação profunda em assunto algum. Todavia, como quem sabe para onde vai, em suas peregrinações intelectuais não perdia oportunidade de colher informações, que de futuro lhe conviessem.

Quando delegado de polícia na localidade, coube-lhe proporcionar abrigo a alguns índios que foram ter a Campinas.

Não se limitou às providências oficiais, que lhe atendiam aos sentimentos humanitários. Serviu-se da oportunidade para os submeter a pacientes interrogatórios, mercê dos quais obteve elucidativos elementos para o seu Vocabulário da Língua dos Bororos Coroados do Estado de Mato Grosso, mais tarde publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (tomo LXXXIII).

Divulgou, então, as conclusões de P. RIVERT — "Les affinités des dialectes otuké — e de G. DE CREQUI MONFORT — Le groupe otuké — consoante os quais os "Bororos não passam de um ramo do tronco otuké, arrojado, por motivos ainda desconhecidos, do sul da Bolívia para os territórios brasileiros das margens dos rios Paraguai, Jauru e Cabaçal", assim desfazendo a dúvida existente acerca de sua classificação. O ensaio, começado em Campinas, recebera interpretação final no Rio de Janeiro, em data de 21 de novembro de 1918.

Análogas circunstâncias ocorreriam com inúmeros trabalhos, que redigia em curto prazo, baseado nos apontamentos acumulados de contínuo.

De mais a mais, a prática do magistério, particular e público, acompanhava-se de escritos, em que se lhe espelhava a proficiência: Dissertação sobre o Ponta — O Suplício de Caneca de 1824 em Pernambuco — (São Paulo — 1896) e Lições de Geografia Física e de Geografia Política — (São Paulo — 1898).

Na primeira década do século, a política inflamou-lhe o entusiasmo patriótico, rompedor nas publicações do Clube de Comemorações Cívicas de Campinas, do qual foi o único presidente — Comemoração do Quinze de Novembro (1903) — Comemoração do Vinte e Um de Abril (1904) — Comemoração do Sete de Setembro (1904).

Envolve-se nas refregas da campanha civilista, inspiradora de Pela República Civil (1910).

A derrota do seu candidato, RUI BARBOSA, preterido pelo marechal HERMES DA FONSECA, não o afasta das bibliotecas e arquivos.

Traz a lume O Estado de São Paulo e seu Progresso na Atualidade (1913), que serve, não somente de homenagens à região, em que firmou a sua fama intelectual, como igualmente de despedidas.

Em breve, de regresso ao Rio de Janeiro, encetaria nova fase de existência.

MAX FLEUSS, LIBERATO BITTENCOURT e ROQUETTE PINTO, indicam o seu nome para sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mediante proposta de 23 de maio de 1914.

Embora em parecer da Comissão de História lhe contestasse as acusações exageradas contra a casa bragantina, expressas em A Monarquia Portuguesa (Campinas — 1910),

que enviara entre as credenciais de seus méritos literários, o relator, ALFREDO VALADÃO, terminou favoravelmente ao candidato, "que em seus trabalhos se revela um historiador, um escritor brilhante e um espírito de variada cultura".

Por ocasião da posse, a 28 de setembro, valeu-se do ensejo para, não somente expressar a sua plena satisfação pela acolhida no grêmio tradicional, como ainda justificar as suas preferências ideológicas.

No tocante ao trabalho das gerações precedentes, declarou: "preiteio ao passado o mais profundo respeito. Mas a veneração me não leva e exculpar-lhe as erronias, nem a querer-lhe a revivescência. Isso seria contrário à evolução orgânica da Humanidade, ou, melhor, à concepção positiva do progresso".

"Sou convicta e inabalavelmente republicano", afirmou. E quanto à orientação científica, esclareceu, seguro de suas idéias.

"Extasiemo-nos ante o tesouro amealhado pela cultura ocidental, admiremos a elaboração greco-romana e até as civilizações levantinas, utilizemo-nos das experiências de outras pátrias, mas tudo isso depois que tivermos esgotado a matéria-prima nacional, e como uma distração de viajeiros ricos e ociosos", pois que "só o culto acendrado de nossas tradições pode tonificar a geração de agora".

Admitido no grêmio de estudos históricos, não lhe tardaram incumbências, em que pudesse comprovar a opulência das suas pesquisas, interpretadas a preceito.

Ao organizar-se o Primeiro Congresso de História Nacional, a respectiva Comissão Diretora lhe obteve a anuência para explanar uma das teses de maior relevância — Expansão Geográfica do Brasil Até Fins do Século XVII.

Não seria tema que pudesse o relator versar de improviso.

Demandava pacientes indagações, bem sedimentadas, além do conhecimento geral do território brasileiro e os reconhecimentos progressivos de suas várias regiões.

Só quem já estivesse enfronhado nesses assuntos, poderia desenvolvê-lo a contento e em curto prazo, quando nem ao menos iniciada tinha sido a monumental História Geral das Bandeiras Paulistas, de AFONSO DE TAUNAY.

Revelando conhecimentos de raiz, que lhe resultaram de investigações anteriores e das mais recentes no Arquivo Nacional, o ensaio, apenas divulgado, adquiriu características de clássico, exaltado pelos sabedores.

Dai se causou a proposta de 14 de junho de 1917, de MAX FLEUSS, consoante a qual lhe conferiu o Instituto o prêmio "D. Pedro II", concretizado em medalha de ouro, ao mesmo tempo em que também foram galardoados CAPISTRANO DE ABREU e E. ROQUETTE PINTO.

Destarte, na mesma ocasião, o parecer dos doutos proclamou a valia de três obras contemporâneas realmente notáveis: A Expansão Geográfica do Brasil Até Fins do Século XVII, A Língua dos Caxinauás e Rondônia.

Cada qual no seu gênero, tôdas evidenciaram admirável sagacidade científica dos seus autores, que poderiam utunar-se de ter ultimado trabalho original, destinado a perdurar.

Por essa época, além da colaboração em diários cariocas e de aulas em mais de um estabelecimento de ensino, coube-lhe a direção da Biblioteca Nacional, que lhe proporcionaria, em operoso biênio, oportunidade de ampliar as suas observações.

Ocupou-se da biografia dos Jornalistas da Independência, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA PEREIRA FURTADO DE MENDONÇA, cônego JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA, JOAQUIM GONÇALVES LEDO e Irei FRANCISCO DE SANTA TERESA DE JESUS SAMPAIO (Revista I. H. G. B. — tomo LXXXII).

Ainda acerca da vida e obras de vultos históricos, analisou a personalidade excelsa de MANUEL DE ARAÚJO PÔRTO ALEGRE (barão de SANTO ÂNGELO) — (Imprensa Nacional — 1917), de ANTÔNIO LUIS PATRICIO DA SILVA MANSO (1919), de F. A. VARNHAGEN — (Revista — vol. 158) e de ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA, o "Aleijadinho" — (Revista — vol. 161).

Antes, quando o Instituto empreendera a reedição, em sua Revista LXXXIV, da famosa Circular de TEÓFILO OTTONI, divulgada em opúsculo de 1860, aceitou o encargo de comentá-la.

Ao ler-lhe a introdução, asseverou VIEIRA FAZENDA, habilitado a opinar no assunto: "é o estudo mais completo que conheço sobre TEÓFILO OTTONI".

Ainda por atender aos apelos do Instituto, organizou e anotou a História da Independência do Brasil, por FRANCISCO ADOLFO VARNHAGEN, visconde de PÔRTO SEGURO (1917), Efemérides Brasileiras, pelo barão do RIO BRANCO (1918) — História do Brasil por HENRIQUE HANDELMAN (1931).

Das suas ocupações prediletas, apenas se afastou para desempenhar as funções eletivas de presidente da Câmara e agente executivo do município de São João d'El-Rei, de representante no Senado Mineiro, de 1922 a 1923, e na Câmara dos Deputados (1924-1926) e (1927-1929).

Somente êsses mandatos lhe interrompiam a atuação no magistério, a que se consagrou desde a mocidade, até ser colhido pela aposentadoria compulsória em 1942.

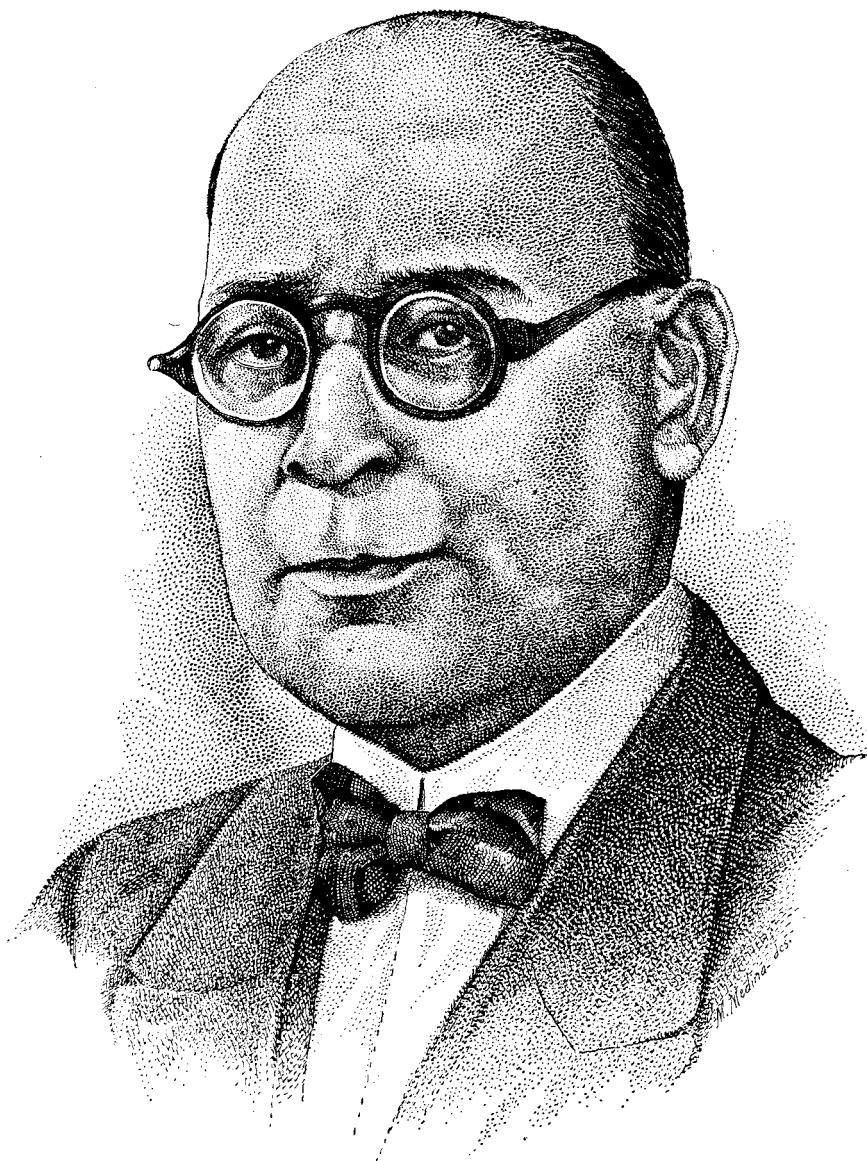
Ne decurso de cerca de meio século de atividades pedagógicas, tornou-se o mestre acatado de centenas de alunos de História do Brasil, no Ginásio de Campinas, de História Geral e do Brasil, da antiga Escola Amaro Cavalcanti, do Instituto de Educação, do Colégio Pedro II, da Escola Nacional de Belas Artes, (História da Pintura e Escultura).

Estava, em tais condições, naturalmente indicado para relatar o parecer do Instituto, solicitado, a 12 de fevereiro, pelo ministro GUSTAVO CAPANEMA, que, a 20 de maio de 1936, agradeceu a contribuição "para o inquérito promovido por este Ministério em torno dos temas do futuro Plano Nacional de Educação".

"Cultura no seu mais nobre e amplo sentido, afirmou, é a resultante de duas componentes: ensino e educação".

Mantinha-se fiel às idéias preconizadas desde 1915, quando publicou o Grande Doente da América do Sul, em prol de "um processo de educação integral".

"Por esta expressão, entendo eu o preparo gradual, mas sistemático e completo, de cada indivíduo, desde a vida intra-uterina até que se lhe termine a adolescência, de



Basilio de Magalhães.

modo que se torne operário consciente da grandeza da pátria e capaz de colaborar, de harmonia com os seus pares, no corrigir e melhorar as condições do meio ambiente".

De acôrdo com tais diretrizes, aconselhava "sejamos, pois, primeiro que tudo, "brasileiros", depois "americanos", dentro da nossa indeclinável solidariedade continental e finalmente, como oriundos da velha civilização européia, tenhamos também, com a nitidez e fervor que nos advirão de uma cultura cada vez mais refinada, a consciência da solidariedade humana".

Era bem o abalizado professor, encanecido na cátedra, que apontava as diretrizes do seu agrado para guiar a mocidade com mira em seu bem e engrandecimento do país.

E por pensar sempre em seus magnos problemas, tornou-se consultor procurado por quantos pretendessem elucidar alguma dúvida.

Não poderia faltar a sua opinião quando se comemorou o segundo centenário da entrada do café no Brasil.

Das páginas volantes da imprensa, a 15 de outubro de 1927, enfeixou-se a contribuição no volume 174 da *Brasiliana* (1959), para abranger:

- I — "Quem era Francisco de Melo Palhêta, o introdutor do café no Brasil";
- II — "Os caminhos antigos, pelos quais foi o café transportado do interior para o Rio de Janeiro e para outros pontos do litoral fluminense";
- III — "As lendas em tôrno da lavoura do café";
- IV — "O café nas belas artes".

O segundo capítulo, especialmente, contém afirmativas de interesse geográfico, indicadas no próprio título.

Pelos documentos que descobrira anteriormente e publicara na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — 1920, GARCIA RODRIGUES PAIS "tendo-se estabelecido à margem do rio Paraíba, no ponto onde surgia a hoje cidade de Paraíba do Sul, atacou imediatamente o serviço, tanto para o hinterland aurífero, quanto em demanda do Rio de Janeiro, de sorte que, em fins de 1699, já era praticável por pedestres a picada entre a baía de Guanabara e a Borda do Campo (atual Barbacena)".

Antes, o trânsito rompia pelo caminho velho, através de Parati e pelo dos Paulistas, que passava em Moji das Cruzes, Taubaté e Guaiacaré, referidos por ANTONIL em *Cultura e Opulência do Brasil*.

Já eram freqüentados êsses caminhos, com as suas variantes, uma das quais passava pelo Porto da Estrêla, quando começaram a espalhar-se as mudas da planta valiosa pelos arredores do Rio de Janeiro e vale do Paraíba.

O movimento crescente do transporte dos produtos agrícolas estimulou o melhoramento das vias de comunicação, pela construção da Estrada de Ferro Mauá, São Paulo Railway, a Estrada União e Indústria.

"Representam papel relevante em nossa evolução econômica e chegaram ao apogeu da sua importância comercial em meados do século XIX, graças principalmente à lavoura cafeeira nas terras fluminenses, mineiras e paulistas", concluiu BASÍLIO DE MAGALHÃES.

O capítulo III evidenciava conhecimentos especializados, que iriam compendiar-se em *O Folclore no Brasil*, cuja primeira edição, de 1928, em três meses se esgotou.

A segunda, empreendida pelo Instituto Histórico, em 1939, alongou-se por 400 páginas, sem abranger tôdas as peças inéditas, que não tivera ensejo de coordenar.

Tamanha opulência sugeriu-lhe a proposta da "fundação de um grêmio que se consagre exclusivamente aos estudos da nossa demopsicologia", ou pelo menos, "uma secção de folclore".

O êxito do empreendimento, mais tarde realizado pelo IBECC, evidenciou que sobejava razão ao ensaísta para indicar a solução que urgia adotar.

Desta maneira, sem prejuízo da cátedra, onde pontificava, alternava estudos sobre assuntos econômicos e de etnologia com a crítica de arte, em suas várias modalidades, a geografia com a história, os princípios da educação com temas políticos, em que lhe foi breve a experiência.

Em tôdas as circunstâncias, sempre se revelava o escritor de boa linguagem, abeberado nas mais puras fontes do pensamento humano, de que se esforçava por estar ciente, graças à facilidade de leitura de autores estrangeiros, que interpretava diretamente, por falar francês, alemão, inglês, espanhol, italiano e conhecer o grego e o latim.

E como tivesse gosto acentuado pela filologia, além dos idiomas apurados pela civilização, aprofundou-se no estudo da língua tupi, guarani, bororo e mundurucu.

Ainda escrevia para os jornais prediletos, quanto lhe permitia a saúde, já periclitante, quando, em Lambari, cujas águas medicinais lhe faziam bem ao organismo combalido, baqueou irremediavelmente, a 14 de dezembro de 1957.

Com o desaparecimento do grande benemérito do Instituto Histórico e sócio de várias associações científicas, vinte e sete nacionais e dezessete estrangeiras, perdeu o Brasil erudito professor, de quem disse o reitor PEDRO CALMON em sessão magna:

"BASÍLIO DE MAGALHÃES sabia tudo, desde as humanidades mais penosas e mais árduas até o seu folclore, a sua língua tupi, a sua literatura, o seu vernáculo, a sua poética, a sua história, a sua geografia.

Era um desses homens "enciclopédia", uma dessas inteligências maravilhosamente equipadas e cujos alvéolos se guardam como numa estante repleta e colorida tôdas as manifestações de cultura universal".

"Ele sabia as coisas transcendentais e raras, sendo que a sua linha moral de desambição, de modéstia, de perseverança no silencioso trabalho, o destacava como uma esplêndida vocação de filósofo".

A eloquência consagrada do orador oficial do Instituto Histórico salientou magistralmente as características da individualidade peregrina, que herdou aos pósteros, com o exemplo edificante de uma vida simples, devotada a estudos incessantes, ensaios comprobatórios do seu saber em vários ramos dos conhecimentos humanos, especialmente acêrca de geografia e história.

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO